

4 / 7 / 96 p. 2A

Teve e responsabilidade social

Roque Spencer Maciel de Barros

Muito se tem falado sobre o papel que a televisão poderia desempenhar em prol da educação popular — que, às vezes, a excepcionalmente desempenha, como no caso das tevês educativas que, mesmo no entretenimento, que é, afinal, o que especialmente se busca nesse privilegiado meio de comunicação, procura fugir à pura banalidade e ao vazio cultural. Se, entretanto, dermos um balanço no papel que a televisão desempenha, em especial a constituída pelos canais abertos, que vivem exclusivamente da publicidade e do merchandising, concluiremos que o seu papel deseducativo supera de longe quaisquer recuperações com a educação. Com a educação e, acrescentando, com a própria informação, atada sempre de modo superficial (quando não sensacionalista), com as notícias sendo despejadas sem nexo ante do espectador, convertendo-se tudo, quase sempre, em espetáculo. Dir-se-á que há na lógica implacável nesse comportamento. O problema da televisão comercial, obviamente, é obter o maior faturamento possível e este, no caso específico daquela que oferece seus programas gratuitamente ao espectador, depende da audiência conseguida, que é que a leva a obter mais anunciantes e a cobrar mais caro pelo tempo que estes comparam. Ora, para atingir os seus fins, os programas devem ser

“chamativos”, conseguindo grande audiência, tanto quanto possível maior do que a de suas concorrentes ou, pelo menos, tão substancial que justifique a preferência do anunciante ou a obtenção de parcela de sua publicidade. E, assim sendo, a televisão aberta fornece ao espectador aquilo que ela imagina que ele quer ver. Não duvidamos que a massa de espectadores queira ver exatamente o que lhe é apresentado e não vamos cometer a tolice de atribuir à televisão — ou a outros meios de comunicação que a imitam — a criação de uma realidade própria de uma civilização confusa em

nenhum requinte, com a pornografia, bem como, o que é muito pior, com a exibição da violência gratuita, sem nenhuma justificativa, já não dizemos ética ou sociológica mas estética. Programas, enfim, para satisfazer ou despertar o que há de mais animal e bárbaro no ente humano — e isso em grande cópia e em qualquer horário. Males dos quais nem a televisão por assinatura, que afinal quer assinantes que a paguem, escapa, ainda que em menor escala.

O que nos perguntamos, em face dessa situação, é se é legítimo um meio de comunicação poderoso, que já suplantou na

tuais, éticas e estéticas, a fim não de consagrar o que existe de mau nessa realidade que estamos cansados de conhecer, mas de despertar o espectador para ideais mais altos, mais condizentes com as possibilidades melhores que se encontram no mundo humano. Não se quer dizer que a televisão deva dar as costas ao real ou que o presente, falsificado, de cor rósea; de forma alguma. O que se pensa é que esse real, mostrado na sua crueza, deve ser encarado de uma perspectiva diversa, contribuindo para a humanização das pessoas e para a sua melhoria — e isso por intermédio do próprio entretenimento.

Não se trata apenas de espelhar o que existe, mas de discutir o valor da imagem que o espelho mostra; trata-se, em uma palavra, de educar informalmente, de fazer da *diversão* não uma forma de *dispersão* do espírito, mas de *concentração* em valores que justificam o próprio lugar privilegiado que o homem ocupa no universo.

Nada de censura, que é a morte do pensamento e da espontaneidade criadora, mas responsabilidade, autonomia a serviço de um mundo mais pacífico, ou pelo menos não tão violento, mais belo, ou menos feio, e mais respeitoso do próprio homem.

NÃO SE TRATA APENAS DE
ESPELHAR O QUE EXISTE, MAS
DE DISCUTIR O VALOR DA
IMAGEM QUE O ESPELHO MOSTRA

relação aos valores, descompromissada, com alarmante frequência, em relação a ideais humanos marcados pela densidade intelectual, ética ou estética e balizada por metas hedonistas (tenham-se ou não possibilidades de atingi-las). Produzem-se assim programas de baixa qualidade intelectual, embora muitas vezes tecnicamente quase perfeitos, com uma enxurrada de cenas de sexo explícito, tendendo para a completa permissividade e misturando o erotismo, sem

opinião geral todos os outros, pela magia da combinação entre imagem e som, transportados aos mais longínquos locais, preocupar-se exclusivamente com o faturamento e eximir-se de qualquer responsabilidade educativa. Responsabilidade que não se cumpre com a reserva de um curto horário, quando isso acontece, para a transmissão de aulas ou de cursos supletivos ou similares, mas que deveria estar presente em toda a programação, com preocupações intelectuais

Roque Spencer Maciel de Barros
é professor de Filosofia
da Educação